



Jana Lauxen

PATA DE ELEFANTE

Inspirado pelo álbum homônimo de **PATA DE ELEFANTE**



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

mojo
BOOKS

PELA HONRA DE MEU PAI

JANA LAUXEN

uma história inspirada por

PATA DE ELEFANTE

PATA DE ELEFANTE

SÃO PAULO, OUTUBRO DE 2009

1ª Edição

COPYRIGHT © 2009 BY JANA LAUXEN
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – WWW.MOJOBOOKS.COM.BR

PELA HONRA DE MEU PAI

JANA LAUXEN

EDIÇÃO: **DANILO CORCI**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **MOJO FACTORY**

CAPA: **MOJO FACTORY**



PATA DE ELEFANTE

PATA DE ELEFANTE

PATA DE ELEFANTE

LANÇAMENTO: **2004**

MOVIMENTOS

1. Soltaram!
2. O dia em que a casa caiu
3. Funkadelic
4. Não fique triste
5. Angelita
6. Cidade invisível
7. Soopra!
8. Daniela
9. Não esqueça o remédio
10. Bolero
11. Gato que late
12. Tudo vai ficar bem
13. Isso é o que eu tenho pra dizer
14. Dor de Siso
15. Para de Elefante



PELA HONRA DE MEU PAI

JANA LAUXEN

“Destruir a família Cornacolla.”. Era a única coisa em que Diego pensava, era o único motivo que o fazia continuar vivendo. Não queria dinheiro, nem emprego, nem amor. Queria única e exclusivamente acabar com aqueles malditos Cornacollas. Todos eles.

Olhou para a velha fotografia de seu pai, mais amarelada que preta e branca, e chorou. Seu Aristóteles era um homem simples, até ignorante, que passou a vida inteira trabalhando tal e qual um escravo nas indústrias Cornacolla — tudo para dar uma vida decente para sua mãe, Melinda.

Aquela vadia.

Era triste ter uma mãe vadia, como também foi triste ter de matá-la para honrar o nome de seu pai, que definiu de desgosto e cachaça. Foi numa noite em que Aristóteles roncava atirado no sofá, bêbado como ninguém. Diego abriu a porta do quarto da mãe e a asfixiou com um travesseiro de penas. Penas. Ela era uma galinha nojenta e merecia ser sufocada pelas próprias penas.

Seu pai, por algum motivo que nunca conseguiu compreender, sofreu com a morte daquela desgraçada. Nem lhe agradeceu o favor prestado. Apenas continuou a beber mais e mais, até o dia em que seu coração enfartou. Fulminantemente e na mesma cama onde aquela sem-vergonha morreu.

Melinda era uma mulher bonita, como geralmente são as mulheres sem vergonhas. Quando o marido perdeu o emprego por invalidez, se prontificou ela própria a ir procurar algum trabalho.

— Que mulher maravilhosa eu tenho — inflava o peito seu pai, orgulhoso e feliz.

Encontrou uma vaga para secretária na mesma firma onde o marido, agora aposentado, havia trabalhado durante tantos anos. Nesta época, Diego era um adolescente tímido, cheio de espinhas e apaixonado pela vizinha do 402. E já que agora quem saía para o batente era sua mãe, ele e seu pai limpavam a casa, faziam a comida, lavavam as roupas.

No início, Melinda ia para casa almoçar. Todos os dias. E contava como estava sendo gratificante finalmente trabalhar fora de casa, e sentir-se útil para outras pessoas, além da própria família. Diego e Aristóteles sorriam, e continuavam limpando a casa, fazendo a comida, lavando as roupas.

Um dia, Melinda parou de vir para casa almoçar. Saía de manhã e voltava somente ao anoitecer, às vezes tarde da noite. Dizia que precisava mostrar interesse, e também que havia muito trabalho a ser feito.

Diego demorou quase um ano para notar que havia alguma coisa de errado com o emprego da mãe. E foi somente quando a flagrou, toda amorosa, marcando um encontro com o velho Cornacolla que se apercebeu que, além de preparar relatórios, Melinda dormia com o patrão. Vadia. E ele e seu pai ali, como dois idiotas, limpando a casa, fazendo comida e lavando roupas.

Decidiu que contaria tudo para Aristóteles. Ele não merecia ser enganado, era um homem honrado. Só que o pai não acreditou. Deu um tapa em seu rosto

e disse que Diego deveria respeitar a mãe, tal e qual ensinou a Bíblia.

Mas como Diego poderia respeitar uma rameira, que de tarde dormia com aquele velhote caquético e de noite vinha roçar os pés em seu pai; em seu honrado pai? Vagabunda.

Um dia, Aristóteles viu com os próprios olhos Melinda e seu antigo patrão almoçando em um restaurante onde um bife pagaria seu salário por três meses. Porém, ao contrário daquilo que a maioria dos homens faria, Aristóteles apenas ficou ali, observando, se condoendo e se torturando, vendo a esposa querida, companheira de tantos anos, trocar chamegos e carícias com aquele velhusco de merda.

Quando voltou para casa, encontrou Diego sentado na varanda, riscando com um graveto a terra do chão.

— Eu vi, meu filho.

Ninguém falou nada para Melinda. Quando ela chegou em casa naquele dia, tarde da noite, encontrou o marido lendo o jornal e o filho assistindo tevê. Deu um beijo em cada um, e sequer reparou na frieza que havia em seus olhares taciturnos.

Melinda não entendia o que havia acontecido com seu marido. Sempre fora um homem correto, trabalhador, honesto, e agora só sabia beber e beber, da manhã até a noite. Também não podia mais contar com os préstimos do filho, e toda a vez que chegava do trabalho, ainda precisava limpar a casa, fazer comida

e lavar as roupas.

Mas Diego entendia o que a mãe não entendia, só não sabia por que seu pai não havia expulsado aquela vaca de sua casa. “Decerto a amava”, pensava irritado, e por isso a dor deveria ser muito maior. Afinal, pior que o orgulho ferido, somente o amor ferido.

Chovia no dia em que Diego decidiu que mataria aquela puta que, por azar, era sua mãe. O que ele não sabia era que, matando sua mãe, estaria também matando seu pobre e bêbado pai, que de dor, pinga e tristeza, se foi pouco mais de um ano depois.

Não restara nada para Diego, além da imensa vontade de acabar com todos aqueles que, um dia, acabaram com a sua vida e a de seu pai. Sua mãe havia sido somente a primeira.

Viveu para isso, e por isso, durante todos os dias de sua miserável vida. Estudou, trabalhou, se especializou e arrumou um emprego nas empresas Cornacollas. Corroia-lhe as entranhas ter de ser gentil com aqueles sanguessugas manipuladores e destruidores de lares, mas sua vontade de vingar a honra do pai ainda era maior, maior que tudo, maior que seus ímpetos, maior que seu ódio. Precisava aguentar.

Acabou ganhando a confiança do velho patriarca, o coração de sua neta mais nova e a confiança de toda a família, que o julgava um rapaz sério, educado e trabalhador.

Passou a frequentar a mansão Cornacolla e marcou casamento com Luana, a herdeira. Subiu de cargo, e sua assinatura passou a ser imprescindível para a maioria das movimentações dentro da corporação.

— Este garoto aqui será meu sucessor — dizia o velho, altivo, dando tapinhas em seu ombro.

Somente Diego sabia o quanto tudo aquilo lhe custava. Tinha vontade de matar cada um com seus mais elaborados requintes de crueldade. Incluindo Luana, aquela pentelha idiota que só pensava em bobagens como, por exemplo, onde passariam a lua-de-mel. Odiava-a. Odiava a todos ali. Mas sorria, e seguia.

O tempo passava e Diego nada fazia por acaso. Por trás de todas as suas ações e em cada uma de suas palavras, havia um plano.

Em uma viagem para a praia, convidou Luana para visitar o Arpoador. Ela foi. Chegando lá, Diego sugeriu que a noiva se aproximasse da beirada para melhor observar o mar e “sentir aquela brisa suave e fresca que vinha do oceano”.

— Você me segura?

— Evidentemente que sim.

Luana deu quatro passos hesitantes até a margem da grande pedra, e Diego a segurou pelo braço.

— Feche os olhos, querida. Eu não vou te soltar, confie em mim.

Ela obedeceu e, certamente, não entendeu quando o noivo, agarrado ao seu braço, a lançou de encontro ao mar. Diego fingiu desespero. Outros turistas, que

perambulavam por ali com suas máquinas fotográficas, tentaram o acalmar. Chamaram a polícia, os bombeiros, os médicos. Nada adiantou. Luana estava morta.

Ninguém desconfiou do marido, que a estas alturas já fingia tão bem que sequer sabia viver sem fingir. A família Cornacolla chorou durante meses a morte de sua caçula e, graças à habilidade inventiva de Diego, apegaram-se ao rapaz como se este fosse uma extensão da falecida neta.

Era chegada a hora de acabar com Alice, avó de Luana e esposa do homem que aniquilou a honra de Aristóteles, seu falecido e amado pai. Trocou os remédios da velha por placebos e esperou. Diego aprendera muito bem a esperar. Não poderia, de jeito nenhum, levantar suspeitas.

Três meses após a troca da medicação, Alice morreu. Em uma manhã de sol passeava pelo quintal quando, simplesmente, caiu desfalecida. Desespero, correria. Todos se perguntando o que estava, afinal, acontecendo com a família Cornacolla.

Falou-se até em maldição, magia negra, mandinga, castigo.
Era só vingança.

E assim Diego foi riscando em seu caderninho de anotações os nomes de

todos da família que já havia eliminado. Seus sogros tiveram o carro sabotado e sofreram um terrível acidente em uma viagem que faziam até a serra. Seu cunhado morreu assassinado na saída de uma festa, por um homem truculento contratado por Diego.

E, um a um, todos os membros do clã Cornacolla acabaram mortos.

Sobrou só o velho, seu principal inimigo. Apenas ele e mais ninguém. Deixou-o por último para que pudesse sofrer cada morte, cada perda, cada dor. E no lindo casarão da família, num entardecer de maio, estava o velho Cornacolla, acomodado em sua poltrona e Diego sentado no imenso sofá.

— Sabe, meu filho, não entendo o porquê de tudo isso. Perdi toda a minha família, não restou ninguém além de mim. E agora esta casa me parece tão vazia, tão triste. Estou velho, doente, cansado, sozinho. Só tenho você.

Diego maneava a cabeça afirmativamente, bebericando um drinque e lançando para o velho olhares solidários.

— Pelo menos tenho você. Me tiraram tudo, mas me deram um sucessor à minha altura. Você sabe que, para mim, és como um filho, e é você quem levará adiante o nome e a fortuna de minha família.

O velho alcançou uma pasta preta que estava colocada sobre a mesa de centro.

— Estes documentos aqui lhe dão plenos poderes dentro das minhas indústrias. Estou caindo fora. Quero viajar, sair desta mansão que tem cheiro de tragédia. Se eu continuar aqui, vou acabar morrendo também.

— Não diga isso nem de brincadeira — respondeu prontamente Diego, sempre dissimulado — Se o senhor morrer, morrerei também.

Naquela noite, após as assinaturas da papelada que o tornava titular absoluto das organizações Cornacollas, Diego matou o velho sufocado com um travesseiro de penas.

Sentiu-se aliviado.

Em seguida, ficou vazio.

Sentado na poltrona onde antes quem se sentava era o patriarca da família Cornacolla, e segurando a fotografia amarelada de Aristóteles em uma das mãos, Diego chorava pensando se o seu pai estaria satisfeito.

Estavam todos mortos. Depois de quase dez anos daquele maldito dia, em que ouviu sua mãe marcar um encontro furtivo com aquele velhote filho da puta, sua vingança havia chegado ao fim.

Vendeu a empresa para uma multinacional, e também pretendia vender aquela funesta mansão, que possuía uma atmosfera densa. Várias vezes, teve a impressão de ouvir a voz de Luana, e diversas noites acordava escutando lamúrias e palavras de ódio.

“Assassino, assassino”. Que bobagem. Era apenas impressão.

Diego levantou e serviu-se de outra dose de uísque. Estava absurdamente

triste.

Como talvez nunca tenha se sentido antes, nem quando enterrou seu querido pai.

— Eu deveria estar celebrando, não chorando.

Não sabia o que fazer, a partir de agora. Fazia duas semanas que havia encerrado sua retaliação assassina. Não havia mais de quem se vingar.

Sua vida, sem suas idéias obsessivas de vingança, não fazia sentido nenhum.

Durante quase dez anos dormiu e acordou movido por uma força maligna que o levava adiante, que o fazia se sentir vivo: queria e precisava destruir todos aqueles que, um dia, ousaram destruir a honra de seu pai.

E agora que tudo estava feito, o que sobrara? Dinheiro, muito dinheiro, e aquele casarão com perfume de morte.

Olhou para o retrato amarelado de seu pai e empunhou a pequenina pistola, que comprara ainda naquela tarde.

— Todo mundo precisa de uma razão para viver.

Posicionou a arma na altura da têmpora e atirou. Caiu morto na mesma poltrona onde, durante décadas, o homem que destruiu a honra de seu pai sentava sua bunda gorda e fumava seus charutos idiotas.

A mansão silenciou após o derradeiro fim de seu último morador. Sobrou apenas a fotografia amarelada de seu Aristóteles, sorrindo um sorriso feliz.

E honrado.



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br